

A PROPÓSITO DE *TERRAS DO SEM FIM* E O ROMANCE DE 30

Lígia Militz da Costa

Universidade Federal de Santa Maria

Nessas terras de Ilhéus e Itabuna, (...) fui buscar homens de uma rude humanidade para traçar com eles a saga da conquista da terra, a grandeza e a miséria dos coronéis e do latifúndio, o nascimento de uma civilização na boca dos rifles, de uma cultura massada na violência. Conteí histórias de espantar, levantei o monumento de alguns homens que eram ao mesmo tempo fraternos e brutais, de normas estritas e impossível vilania, tratei das mulheres que mantiveram alta a chama do amor onde só a morte comandava.

Jorge Amado, depoimento, 1972.

A HISTÓRIA, A LITERATURA E O ROMANCE REGIONALISTA

A Bahia viveu, no século XIX e começos do século XX, seus grandes momentos de desenvolvimento econômico, graças à exploração do cacau. O produto atingiu preços elevadíssimos e a zona cacauzeira do sul da Bahia – Ilhéus, Itabuna e Canavieiras –, atraiu verdadeiras correntes humanas que vinham para ali em busca de trabalho e sonhando, principalmente, com as riquezas que o cacau prometia. O ciclo do cacau foi realmente o instante supremo da história do povo baiano e é ele que vai servir de contexto referencial para o romance *Terras do sem fim*, de Jorge Amado.

Publicado em São Paulo, em 1943, *Terras do sem fim* integra o conjunto de obras nacionais editadas entre 1930 e 1945, apresentando características típicas desse período literário, designado como modernismo de 30 ou regionalismo do nordeste.

A revolução de 30, que levou Getúlio Vargas ao poder e alterou a tradicional política "café-com-leite", da sucessão presidencial brasileira, modificou as instituições da República e propiciou o debate ideológico em torno da história nacional, das condições de vida do povo, tanto no espaço rural como urbano, do problema das secas etc.

Dois anos após (1932), entretanto, explodiu em São Paulo a Revolução Constitucionalista, motivada pelo não-cumprimento das propostas democráticas que tinham sido o alvo do movimento de 30. Reprimindo a conspiração de 32 e visando a eliminar as lutas sociais para garantir uma nação estável, o governo de Getúlio Vargas e as classes dominantes do País chegaram à opção pela ditadura e ao sufocamento do debate, decretando o Estado Novo em 1937, o qual vigorou até 1945. O próprio Jorge Amado, além de vários outros intelectuais e escritores, foi preso por três vezes durante esse período (1936, 1937 e 1942), sendo também, mais tarde, expulso como deputado pelo Partido Comunista Brasileiro quando teve seu mandato cassado em 1948.

Essa situação histórica da época, que reflete a luta ideológica do mundo inteiro, estimulou a consciência social dos brasileiros e repercutiu significativamente no campo das artes. O vanguardismo estético experimentalista da década de 20 foi substituído pelo interesse social, passando os escritores a preocuparem-se com as condições de vida das classes não privilegiadas, sobretudo as do espaço rural nordestino, e a produzirem obras históricas e sociológicas, na forma de romances-documento e de denúncia. A figura do proletário (como Jubiabá, do romance homônimo) e do camponês (como Fabiano, de *Vidas secas*) ganharam vulto nos textos, denunciando a condição subumana a que eram submetidas as pessoas que não detinham nenhum poder na estrutura sócio-econômica vigente.

O REGIONALISMO DE *TERRAS DO SEM FIM*

Na prosa de ficção do período (1930 a 1945), entre os textos representativos da melhor literatura então publicada no País, destaca-se *Terras do sem fim*, livro considerado obra-prima de Jorge Amado. Sua consagrada valorização explica-se pela aliança que a obra apresenta entre a estética modernista do período, de cunho sócio-político, e a arte literária propriamente dita, presente na liberdade de criação ficcional, na fantasia e no humor, e na construção lúdica e elaborada da linguagem.

As justificativas para a classificação de *Terras do sem fim* como romance regionalista histórico – documental, ligado à questão da denúncia social, são muitas, mas elas se centralizam no fato de que o livro conta uma estória baseada na história de uma região da Bahia, num determinado momento de seu desenvolvimento econômico: o apogeu da cultura do cacau, na região do Recôncavo Baiano, nos fins do século XIX e início do século XX. A luta pela posse das terras próprias para o plantio do cacau, em

pleno sertão baiano, é o motivo principal das ações das personagens de *Terras do sem fim*. A obra documenta, assim, desde uma determinada situação histórica regional, até o espaço físico-geográfico em que ela ocorre, bem como o homem que a habita e é seu agente transformador.

Entre os principais registros documentais da estória, podem ser citados a viagem dos sertanejos para a Bahia, em busca de trabalho nas roças de cacau, a descrição do processo completo do plantio dessas roças e as lutas entre os proprietários latifundiários na conquista de mais terras para as lavouras de cacau. O cacau, portanto, corresponde ao núcleo temático da obra, sendo sua importância sempre reiterada no discurso do narrador (onisciente e em terceira pessoa) e também pelas personagens, como no fragmento paródico seguinte:

Em roça de cacau, nessas terras, meu filho, nasce até Bispo, nasce estrada de ferro, nasce assassino, caxixe, palacete, cabaré, colégio, nasce teatro, nasce até Bispo... Essa terra dá tudo enquanto der cacau... (AMADO, 1971, p. 285).

Com relação à viagem dos sertanejos que vêm de vários lugares (de Sergipe, por exemplo, como Antônio Vítor), para o porto de Ilhéus, a fim de serem contratados pelos fazendeiros como trabalhadores para as roças de cacau, a meta de todos é enriquecer nessas terras e voltar para o lugar de origem em busca da desejada realização também familiar. É claro que isso é um sonho não realizável para os trabalhadores das fazendas sendo, inclusive, um dos aspectos que a obra denuncia como injusto, dentro do sistema de exploração vigente, no qual só os coronéis podiam progredir com os vultosos negócios resultantes das lavouras.

Na descrição do processo completo da cultura do cacau, aparecem as diversas etapas do plantio, como a formação das roças, o cultivo da planta, a colheita dos frutos, o amassamento do cacau mole, o acondicionamento final que acabava por transformar o produto em mercadoria valiosa. A parte desse registro documental da produção dos "frutos de ouro" e de como esse processo era também o responsável pelo desenvolvimento e civilização da região, com a formação de povoados e cidades, com seus depósitos, armazéns, acessos, ruas etc., a obra denuncia outro aspecto das injustiças sofridas pelos trabalhadores das fazendas: o visgo do cacau mole nunca mais saía da sola dos seus pés depois que eles começavam a amassar a fruta, do mesmo modo que eles estavam presos definitivamente às fazendas e às terras do cacau, porque eram eternos devedores dos armazéns dos coronéis. A carne seca e a farinha, que ali precisavam comprar, bem como os instrumentos necessários ao trabalho, eram

impagáveis com o salário que recebiam, e eles não podiam, assim, ir embora, pois seriam cassados sem perdão pelos credores. O regime escravo nas relações patrão-empregado é uma das críticas mais contundentes do livro e a força telúrica (visgo do cacau nos pés) parece contribuir para a manutenção desse estado de coisas.

As lutas pela posse das terras de Sequeiro Grande são o grande motivo épico da narrativa, com os protagonistas hostilizando-se até a morte. Há dois clãs de poder na estória, liderados, respectivamente pelos Coronéis Horácio da Silveira e Sinhô Badaró. Rivais e simetricamente poderosos nos seus latifúndios, valem-se de todos os meios lícitos e ilícitos para alcançar as vitórias desejadas. A violência geral e a lei do mais forte pelo gatilho determinam de quem é o poder político-econômico nas terras do cacau. O caxixe (apropriação de terras alheias com auxílio de advogado) e a tocaia (assassinato à traição, por jagunços mandados pelos Coronéis, de pessoas inconvenientes em certos negócios) são procedimentos "normais" no referencial ideológico dos Coronéis. *Terras do sem fim* denuncia isso.

A LITERARIEDADE DA OBRA

Concomitantemente à crítica social e ao registro documental, pujantes na estória, o livro apresenta elementos qualificativos de literariedade, que não podem passar despercebidos, mesmo com a ênfase que tiveram no período os aspectos históricos e ideológicos. Essa literariedade presente na obra se relaciona com a abertura que a narrativa manifesta com relação à própria estória narrada, ao papel das personagens e ao trabalho de construção da linguagem criativa.

A denúncia social empreendida na estória contada em *Terras do sem fim* aparece atenuada em várias oportunidades, quando o narrador faz uso do humor ou relativiza o que é sério, mostrando a realidade simplesmente como um jogo em que as peças mudam de lugar. Assim, quem é execrado como o pior na primeira parte do livro, porque é oposição ao governo, será louvado no final, por ser então situação política, quando muda o governo e a situação se inverte. Isso significa que os valores não eram tão sérios quanto pareciam, sendo muitas vezes motivo de riso até para as personagens que os defendiam. Os próprios Coronéis, responsáveis pela grandeza épica de muitas cenas e também pela crueldade de muitas outras, aparecem em determinados momentos como vítimas e não algozes. O Coronel Horácio da Silveira, por exemplo, é traído por sua romântica esposa com o Dr Virgílio, que vive o papel de galã perfeito no adultério

com Ester. Também o Coronel Sinhô Badaró é vítima de um falso engenheiro e capitão militar, a quem contratara como agrimensor para suas terras: João Magalhães, jogador profissional e fraudulento, que para ali viera querendo ganhar dinheiro fácil dos ricos ingênuos. Mas também João Magalhães tem seu veneno neutralizado quando se apaixona sinceramente pela filha do Coronel Badaró e acaba casando-se com ela, mesmo quando esse clã perde seu poderio econômico.

A construção das personagens revela-se, portanto, muito bem elaborada, a ponto de mostrar a todas como seres humanos com marcas negativas e positivas, guardando cada uma um nível de ambigüidade que confere abertura às interpretações de suas ações e de seu caráter. Isso são recursos literários que dialogam com a criatividade do leitor e fazem a literatura atingir o patamar de reflexão e envolvimento prazeroso desejáveis, na sua função estética. A ludicidade intencional da linguagem, também presente no livro, sobretudo nas versões cômicas publicadas nos jornais, em torno dos "sérios" episódios protagonizados pelos coronéis ou personagens de seus clãs, incluem-se nesse mesmo exercício aberto da literatura, vista como espaço de liberdade e jogo criativo com a palavra.

O regionalismo de 1930 a 1945 não limitou, portanto, a criação literária do período à radicalidade da crítica do errado e ao elogio do certo, mas, pelo contrário, oportunizou, por seu estatuto ideológico de consciência e denúncia das injustiças sociais, que sobressaísse a criação da emoção lírica e épica e do humor, nesse cenário conflituoso, renovando o prazer da leitura ficcional, que é, desde sempre, o principal sentido de toda a literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADO, Jorge. *Terras do sem fim*. São Paulo: Martins, 1971.
COSTA, Lígia Militz da. *O condicionamento telúrico-ideológico do desejo em Terras do sem fim de Jorge Amado*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro/Ed. Movimento, 1976.